
O ESPORTE PARALÍMPICO NOS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS:

A COBERTURA DOS JOGOS DE 2012

PARALYMPIC SPORT ON BRAZILIAN NEWSPAPERS: THE COVERAGE OF THE 2012 GAMES

EL DEPORTE PARALÍMPICO EN LOS PERIÓDICOS IMPRESOS BRASILEÑOS:

COBERTURA DE LOS JUEGOS DE 2012

TATIANE HILGEMBERG FIGUEIREDO¹

Submissão: 15/08/2021

Aprovação: 18/08/2021

Publicação: 22/12/2021

¹ Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Porto (Portugal/2010). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2007).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2112-0944> E-mail: tatianehilgemberg@gmail.com

RESUMO

Atualmente é impossível pensar em um grande evento esportivo sem a presença dos meios de comunicação. Assim é fácil notarmos que “o que” a mídia cobre e “como” realiza essa cobertura, e trata os participantes em cada esporte, podem ser questões que criam barreiras. A disposição dos elementos jornalísticos no papel, seu formato e tamanhos são fatores fundamentais que determinam as relações entre autores-texto-leitores. É a partir desse espaço de leitura que os autores apresentam suas alternativas de modos de ler, e as significações do texto. Portanto, este estudo tem como objetivo ressaltar a importância da estruturação dos elementos jornalísticos nas páginas dos impressos e apresentar o panorama de como as notícias sobre os atletas paralímpicos foram dispostas durante a cobertura dos Jogos de 2012,

bem como dar voz aos atletas sobre a cobertura midiática. Nossos resultados mostram que o valor-notícia das matérias sobre o atleta paralímpico é menor dentro da editoria de esportes.

Palavras-chave: Atletas Paralímpicos. Jornais Impressos. Representação. Estudos da Deficiência.

ABSTRACT

Nowadays it is impossible to think about a major sports event without the media presence. So, it is noteworthy that “what” and “how” media coverage is done, and how they portrayed athletes in each sport, can be issues that create barriers. The position of elements on a newspaper, its shape and size are fundamental to determine the relationship between author, text and readers. It is from this space of reading that authors present their alternatives to the way people will read it, and the meaning of the text. In this sense, this paper aims to highlight the importance of the material structure of newspaper’s pages and present how news about Paralympic athletes were constructed during the 2012 Games, as well as give athletes a voice about this coverage. Our results show that news about Paralympic athletes have less news value at the newspapers sports section.

Keywords: Paralympic Athletes. Newspapers. Representation. Disability Studies.

RESUMEN

Actualmente es imposible pensar en un gran evento deportivo sin la presencia de los medios de comunicación. Por lo tanto, es fácil ver que “qué” cubren los medios y “cómo” hacen esta cobertura y trata a los participantes en cada deporte, pueden ser problemas que crean barreras. La disposición de los elementos periodísticos en papel, su formato y tamaños son factores fundamentales que determinan las relaciones entre autores-lectores de textos. Es desde este espacio de lectura donde los autores presentan sus formas alternativas de lectura y los significados del texto. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo resaltar la importancia de estructurar elementos periodísticos en las páginas de las impresiones y presentar un panorama de cómo se organizaron las noticias sobre atletas paralímpicos durante la cobertura de los Juegos de 2012, así como dar voz a los atletas sobre los medios de cobertura. Nuestros resultados muestran que el valor informativo de las historias sobre el atleta paralímpico es menor dentro de la redacción deportiva.

Palabras clave: Atletas Paralímpicos. Periódicos impresos. Representación. Estudios da discapacidad.

INTRODUÇÃO

Conforme entramos no terceiro milênio, as preocupações acerca das dimensões social e política da deficiência intensificaram-se consideravelmente. E a exclusão das pessoas com deficiência da vida econômica e social tornou-se objeto de protestos e mobilizações. E este novo foco sobre as questões da deficiência também fez com que houvesse um crescimento do chamado *Disability Studies* (e mais recentemente *Critical Disability Studies*), e o amadurecimento da literatura sobre vários aspectos da deficiência, sendo este um fenômeno global. Nos passados 30 anos o pensamento deslocou-se da concepção física da deficiência para a concepção social, levando em consideração a experiência da deficiência.

No Brasil, no entanto, uma busca em base de dados como o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes mostra que a análise da cobertura de Jogos Paralímpicos pela mídia ainda se encontra em sua infância. Ao analisarmos os estudos sobre grupos minoritários percebemos que grande parte deles trata o conceito de estereótipo atrelado à questão racial ou de gênero, com raríssimos trabalhos relacionados à questão da deficiência, isso evidencia a importância do tema. De fato, foram apenas nos últimos 200 anos que as políticas a favor das pessoas com deficiência apareceram.

Em termos de mídia e esporte, é inegável que os pesquisadores brasileiros tendem a se concentrar no futebol, que não apenas é o esporte mais importante do país, como é também aquele que gera a maior receita tanto para mídia quanto para patrocinadores. Como elemento na formação da opinião pública, a mídia também tem um importante efeito em como o esporte se desenvolve e é praticado (vide as mudanças de regras em alguns esportes por conta das transmissões televisivas). Atualmente é impossível pensar em um grande evento esportivo sem a presença dos meios de comunicação. Assim é fácil notarmos que o que a mídia cobre e como realiza essa cobertura, e trata os participantes em cada esporte, podem ser questões que criam barreiras devido a estereótipos, trivialização e sub-representação.

Essas barreiras nos meios tendem a ser resultado de dois aspectos: a quantidade de cobertura e a representação de esportes e atletas (BERNSTEIN, 2002; PEDERSEN, 2002).

Em nosso estudo queremos ressaltar a importância da estruturação dos elementos jornalísticos nas páginas dos impressos e apresentar o panorama de como as notícias sobre os atletas paralímpicos foram dispostas. Para tanto lançamos mão da análise de conteúdo dos jornais impressos Folha de S. Paulo; O Globo; Zero Hora; Estado de Minas, durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos de 2012/Londres. As categorias analisadas foram:

- Número de notícias;
- Localização no jornal: capa ou cadernos;
- Disposição no jornal: abaixo ou acima da dobra, à esquerda ou à direita;
- Tamanho da notícia: Grande (maior do que meia página do jornal), Médio (Entre meia página e um quarto), Pequeno (menor do que um quarto da página);
- Número de Fotos em cada notícia;
- Fonte da notícia: Neste dispositivo iremos codificar quem assina a notícia: Jornalista(s) Independente, Jornalista convidado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, Agência(s) de Notícias, sem fonte identificável.

Aliada aos estudos da estrutura da notícia nos impressos, a investigação através de entrevistas permite a melhor compreensão do processo comunicacional nos veículos a serem analisados. Dessa forma, após a análise descrita acima, realizamos entrevistas semiestruturadas¹ com os atletas a fim de tentar compreender suas opiniões acerca da cobertura midiática. Os atletas entrevistados foram: André Brasil (natação), Terezinha Guilhermina (atletismo), Yohansson Nascimento (atletismo), Jerusa Santos (atletismo), Dirceu Pinto (bocha), e Maciel Sousa (bocha).

¹ As entrevistas foram realizadas em 2015, e foram autorizadas pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Parecer nº 1.254.094).

O LUGAR DOS ATLETAS PARALÍMPICOS

A disposição dos elementos jornalísticos no papel, no caso do jornal impresso, seu formato e tamanhos são fatores fundamentais que determinam as relações entre autores-texto-leitores. É a partir desse espaço de leitura que os autores apresentam seus caminhos, isto é, suas alternativas de modos de ler, e as significações do texto. O planejamento gráfico organiza as informações e hierarquiza os elementos informativos. Assim, concordamos com Barnhurst e Nerone (2001, p.3) quando afirmam que “qualquer forma de mídia inclui um modelo proposto ou normativo do próprio meio. Dito de outra maneira, a forma inclui o modo como o meio imagina a si mesmo sendo e agindo. Em seu arranjo físico, estrutura e formato, um jornal reitera um ideal para si”.

Conforme explicitado escolhemos quatro jornais: Folha de S. Paulo, O Globo, Zero Hora e Estado de Minas. Não temos a intenção de nos aprofundar nas diferenças entre esses títulos, contudo acreditamos ser interessante dar a conhecer o número de notícias, sobre o nosso objeto, em cada publicação (Tabela 1)

	Meio	Número de artigos
1.	Folha de S. Paulo	21
2.	O Globo	21
3.	Zero Hora	17
4.	Estado de Minas	47
	Total	106

Tabela 1: Número de notícias analisadas em cada periódico. Fonte: Autoria própria (2021)

Como podemos observar na Tabela 1, o jornal Estado de Minas foi o que apresentou o maior número de notícias (44,3%), seguido por O Globo e Folha de S. Paulo (ambos com 19,8%) e Zero Hora (16%). Além de apresentar o maior número de notícias o jornal Estado de Minas também foi o periódico que deu mais destaque a atletas de âmbito local, ou seja, nascidos em Minas Gerais. Os próprios atletas já perceberam a importância da imprensa local

e regional na divulgação de competições, e a diferença entre a cobertura da mídia de sua “terra natal” e da nacional.

“(…) até aqui em Mogi a bocha também costuma ter uma visibilidade boa também né?! Quando a gente tem campeonato, pré-campeonato assim, ahn..., é..., os meios de comunicação procuram a gente para poder estar falando (...)” (Maciel Sousa).

“Como lá em Maceió, que eu tenho uma visibilidade maior do que eu tenho aqui em São Paulo. Como Maceió é uma cidade pequena do Nordeste... Toda vez que eu volto para lá o pessoal sempre faz matéria, e eu gosto de estar sempre acompanhando tudo” (Yohansson Nascimento).

Apesar de existir uma imensidão de critérios de noticiabilidade, e de haver discussões acadêmicas acerca da falta de rigidez e universalidade (ver SOUSA, 2002), é certo que a proximidade é um elemento fundamental na escolha do que será publicado nas páginas dos jornais. Apesar dessa estratégia de comunicar conteúdos próximos aos leitores do veículo ser utilizada não só pela imprensa local, mas também pela regional e nacional, seu uso é mais frequente no primeiro, pois há necessidade mais preeminente de vincular o leitor ao jornal. Muitas vezes um terremoto com centenas de mortos em um país distante, pode parecer menos trágico do que um acidente com uma única vítima fatal no bairro ou localidade onde se reside.

E muitas vezes esse recurso é utilizado pelos próprios atletas a fim de pautar o veículo. “Eu estou indo amanhã para Maceió, meu pai liga para o pessoal do ALTV² de manhã, ALTV primeira edição, segunda edição, o que elas gravam de manhã, vai passar de manhã, de tarde e de noite, a visibilidade é maior” (Yohansson Nascimento).

O número de notícias também é algo a ser levado em conta. Levando em consideração que analisamos 14 dias de publicações, o Zero Hora, impresso com menor número de notícias apresentou em média 1,2 notícia por dia; os jornais Folha de S. Paulo e O Globo apresentaram

² Alagoas TV – programa noticioso da filiada da Rede Globo no Estado do Alagoas.

uma média de 1,5; e o Estado de Minas, com maiores números, publicou mais de três notícias por dia. O que resulta em uma média de 7,2 notícias por dia nos diários brasileiros. Schantz e Gilbert (2001) compararam a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Atlanta/1996 em jornais franceses e alemães, revelando que os periódicos franceses publicaram em média 0,9 artigo por dia, enquanto os alemães apresentaram 1,7 notícia. Thomas e Smith (2003) em sua análise da cobertura do evento em Sydney/2000 nos jornais ingleses encontraram resultados similares. Os quatro periódicos analisados pelos autores supracitados publicaram 62 notícias, com média de 1,1 artigo por dia.

Diversos estudos (FIGUEIREDO, 2010; PAPPOUS; MARCELINI; LÉSÉLEUC, 2011) já mostraram que a mídia se interessa, cada vez mais, pelos Jogos Paralímpicos e acreditamos que os números da nossa pesquisa ratificam tal ideia. A maior cobertura midiática acaba por gerar mais atenção e conhecimento da audiência. O reconhecimento dos atletas paralímpicos brasileiros pelo grande público é também um dos resultados do aumento da cobertura midiática.

Eu moro em São Paulo há três, vai fazer quatro anos e estou morando em um apartamento tem um ano. Eu cheguei do Mundial, tinha um monte de crianças (...) – eu estou falando de visibilidade – tinha um monte de crianças brincando, e eu não conheço todo mundo porque eu treino muito, só chego, estaciono o carro, pego o elevador e entro no meu apartamento. Aí um monte de crianças: “Ah, você é atleta paralímpico, né? Num sei o que”. Criança falando isso. Em 96, uma criança sabia o que era atleta paralímpico? Não. É culpa de quem? Da imprensa. Eu falo culpa no bom sentido, que vem divulgando cada vez mais, que vem falando o que que a gente faz. Culpa dos atletas, pelos grandes resultados que a gente vem fazendo, porque se a gente fosse para uma competição, fosse para o Mundial, Paralimpíada, a equipe todinha ganhou uma medalha de bronze, voltou sem medalha, ninguém ganhou medalha, vocês iam falar o que? Nada. Ninguém ia dar importância, ninguém ia querer saber (Yohansson Nascimento).

“(...) eu tenho visto que tem tido uma divulgação muito grande do esporte paralímpico hoje, nas mídias tanto nacionais quanto internacionais” (Dirceu Pinto).

Mas apesar de reconhecer que houve melhora gradual da cobertura dos Jogos Paralímpicos os atletas entrevistados foram quase unânimes em afirmar que essa cobertura ainda está longe do ideal, principalmente fora da *época* dos jogos quando *é* ainda mais difícil encontrar notícias sobre o esporte adaptado.

“Já melhorou muito [a cobertura dos Jogos Paralímpicos], foi muito pior antes, mas ainda tem muito que melhorar” (Terezinha Guilhermina).

“Então, assim, eu acho que, que nem eu falei, a gente está indo pelo caminho certo, ainda não é o ideal, acho que deveria ter um pouco mais, né?!” (Maciel Sousa).

“Em 2012 eu acredito que deixou a desejar” (Dirceu Pinto).

“Eu acho que é pouca [a cobertura dos Jogos Paralímpicos], eu acho que deveria ser mais divulgado...” (Jerusa Santos).

Você tem... 70%, 85% de futebol, 15% outras modalidades. E quando você coloca algo do esporte paralímpico, uau é festa... Então aparece que é cópia, então durante um mês você tem a obrigatoriedade de botar uma notinha sobre o esporte paralímpico... Ahn, e não algo que as pessoas busquem com espontaneidade (...). A gente tem competições, ahn... nós atletas temos competições regulares, a gente não para de competir, a gente vive a vida como todo mundo, a gente faz coisas bacanas como outros atletas, por que não aparecer? (André Brasil).

Marques e colaboradores (2014) encontraram resultados semelhantes ao entrevistarem atletas paralímpicos brasileiros, que afirmam ser a cobertura insatisfatória e restrita a grandes eventos como as Paralimpíadas.

Coakley (2007) afirma que, nos Estados Unidos, a divulgação do esporte paralímpico é feita somente em época de Jogos, sendo campeonatos mundiais e outros eventos ligados a esse tipo de esporte ignorados pela mídia americana. Ellis (2009) confirma que o mesmo ocorre na Austrália, com o esporte paralímpico recebendo menor atenção midiática.

O desejo dos atletas por uma divulgação mais intensa vai ao encontro da ideia de Berger (2008) de que a pouca divulgação faz com que o público desconheça, ou tenha muito pouco conhecimento sobre o esporte paralímpico o que pode dificultar a formação de vínculos e interesse da audiência com esse esporte. Segundo Marques e colaboradores (2014, p. 997-998) a preocupação dos atletas por maior atenção midiática pode ser justificada por dois caminhos,

a) o reconhecimento das pessoas com deficiência (PCD) como membros produtivos da sociedade; b) a busca por melhores condições de treinamento e competição, pautada no reconhecimento desses sujeitos como atletas de alto rendimento e consequente aumento das possibilidades de ganhos sociais e financeiros.

Ambos direcionados a uma perspectiva social da deficiência em contraste com o modelo médico, esse último dá uma ideia de deficiência como doença ou disfunção, causando um estado de dependência e passividade, enquanto o modelo social da deficiência afirma que a desigualdade pela deficiência não está apenas na questão clínica, mas também nas barreiras físicas, econômicas, políticas e sociais da vida em sociedade.

Todavia, apesar de ainda ser considerada pequena ou insatisfatória por atletas e alguns pesquisadores (BRITTAIN, 2004; BERGER, 2008; FIGUEIREDO, 2010), os números mostraram que houve aumento da cobertura dos Jogos Paralímpicos ao longo do tempo. Os Jogos de Atlanta em 1996 foram os primeiros a terem cobertura televisiva nos Estados Unidos (SCHELL; DUNCAN, 1999), e a partir dessa data verifica-se o aumento do número de direitos de transmissão vendidos a emissoras de televisão e rádio e do número de jornalistas presentes no evento – 2.300 em Sydney/2000; em Atenas/2004 3.103 jornalistas compareceram ao evento e um total de 617 horas de programação foram transmitidas em 25 países; 64 redes de tv e rádio de 80 países detinham os direitos de transmissão dos Jogos de Pequim em 2008 o que aumentou em 200% o tempo de cobertura comparado a Atenas; os

Jogos de Londres/2012 foram transmitidos por 100 países batendo o recorde de audiência (dados do Comitê Paralímpico Internacional). Figueiredo (2010) analisou a cobertura dos Jogos Paralímpicos nos jornais O Globo e Estado de S. Paulo percebendo um ligeiro aumento no número de notícias – de 44 em 1996 para 50 em 2008. Esses dados corroboram a percepção dos entrevistados de que houve melhora quantitativa da cobertura, apesar da sensação de insuficiência.

Essa percepção de insatisfação com a mídia brasileira levou alguns de nossos entrevistados a compararem a cobertura midiática nacional com a de outros países. Marques e colaboradores (2015) entrevistaram nove atletas portugueses e o tema “comparação da cobertura midiática” também surgiu, contudo é interessante notar que os atletas portugueses citaram o Brasil, juntamente com Inglaterra e Alemanha, como países referência na cobertura dos Jogos, enquanto os brasileiros criticaram a mídia nacional.

Então, é..., bom, eu comecei a entender que mesmo a nossa imprensa sendo sensacionalista quanto à questão da pessoa com deficiência, do atleta com deficiência, o mundo afora começa a ver o esporte com outros olhos... Ahn... A mídia mundial,..., eu sinto muito isso quando eu vou lá para fora, a valorização que eu tenho (André Brasil).

Em Londres, para mim, superou todas as expectativas de mídia, de retorno de mídia, já que..., lá eles fizeram da Paralimpíada um evento, como uma Copa do Mundo, as provas, as minhas provas, foram mostradas em telões nas ruas. E eu andava nas ruas as pessoas me reconheciam e tudo (Terezinha Guilhermina).

A cobertura de megaeventos é permeada pelo crescente processo de espetacularização e mercantilização do esporte, em que a mídia procura um significativo retorno de audiência, e conseqüentemente retorno financeiro. E o fato de o Brasil ter sido a sede do evento em 2016 pode ter contribuído para o aumento da cobertura já em 2012 como forma de apresentar os atletas paralímpicos ao público brasileiro, garantindo maior visibilidade e reconhecimento.

De acordo com Bracht (2005) a mercantilização do esporte está especialmente relacionada ao desenvolvimento e envolvimento da mídia.

No processo de espetacularização o esporte não é apenas um jogo, no qual indivíduos ou grupos estão engajados, mas sim algo a ser vendido a espectadores. Assim, o esporte adotou linguagem visual para atender à televisão e fotografias jornalísticas, inseriu publicidades em suas transmissões ao vivo e até mesmo alterou algumas regras para que fosse mais atraente ao espectador ou mais adequado à grade de programação da televisão. O esporte-espetáculo organiza-se levando em conta os valores econômicos vigentes, portanto o que é ou não coberto pela mídia está permeado por interesses mercadológicos. Os esportes que podem não gerar lucro são geralmente ignorados, ou então recebem ínfima cobertura em que apenas os “melhores momentos” são mostrados enfatizando o espetacular e as conquistas (COAKLEY, 2007).

Most people who make decisions about media coverage don't take disability sports seriously because the events would receive low audience ratings and therefore, wouldn't attract sponsors. The traditional belief is that covering athletes with a disability is a poor commercial risk (COAKLEY, 2007, p. 426).

De acordo com Goggin e Newell (2005) há algo mais por detrás desse fato econômico, o desconforto, ou até mesmo repulsa, causada pelos atletas/pessoas com deficiência, que leva a mídia a negligenciá-los. “That our mainstream media neglect the Paralympics is a clear sign of a cultural norm that only tolerates disability as long as it stays in the margins”³ (GOGGIN e NEWELL, 2005, p. 85). Os autores focam na sociedade e cultura australianas, contudo podemos facilmente perceber a mesma negligência e pensamento da sociedade e cultura brasileira.

³ O fato de nossa mídia tradicional negligenciar as Paraolimpíadas é um sinal claro de que a norma cultural tolera a deficiência somente enquanto ela permanece na margem (Tradução livre da autora).

ELEMENTOS ESTRUTURAIS

Voltemos nossa atenção à disposição das notícias e dos elementos informativos.

	Quantidade	Porcentagem
Capa	8	7,5%
Capa de Esportes	2	1,9%
Esporte	93	87,7%
Página 2	3	2,8%

Tabela 2: Disposição das notícias no jornal. Fonte: Autoria própria (2021)

A capa do jornal tem como um de seus objetivos atrair a atenção do leitor, assim não é difícil concluir que funciona como espécie de vitrine, ou seja, ali são colocadas as principais notícias que o periódico tem a oferecer. A noção de importância, não só da informação que se transformará em notícia, mas também do que será posicionado na capa, advém parte dos valores notícia e parte do posicionamento político, cultural e social do jornal. A primeira página diz muito sobre a publicação como um todo, as escolhas e decisões dos editores refletem o grau de importância atribuído a um acontecimento.

A capa é o principal elemento persuasivo para a aquisição, além de servir como roteiro de leitura. Apenas 7,5% das notícias referentes ao atleta paralímpico foram consideradas importantes o suficiente para estamparem a capa das publicações. Enquanto apenas duas manchetes apareceram na Capa do Caderno de Esportes, que, em geral, foi dominada pelo futebol. E outras três notas foram publicadas na Página 2 do jornal O Globo. Das oito notícias que estamparam as capas, sete eram fotolegendas, o que demonstra a importância de uma boa imagem para o jornalismo impresso, entretanto apenas duas estavam posicionadas acima da dobra.

Por se tratar de conteúdo esportivo era de se esperar que a maior parte do material analisado fosse ser encontrado na sessão de Esportes de cada periódico, o que se verificou

(87,7%). Lebersong e Dinold (2012) analisando a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Pequim em 2008 em jornais impressos austríacos e alemães também concluíram que a maioria das matérias estava inserida no Caderno de Esportes.

O tamanho e a foto apoiam e intensificam as manchetes e títulos das capas. Assim vale notar que 50% das manchetes eram de tamanho médio, 37,5% pequenas e 12,5% grandes, e 87,5% vieram acompanhadas de foto. As notícias analisadas tinham o atleta como personagem principal, assim quando se apresenta uma chamada de capa, elas vêm naturalmente acompanhadas de foto de forma a facilitar a associação entre texto e imagem.

	Quantidade	Porcentagem	
Acima/Direita	11	10,3%	41,5%
Acima/Centro	19	18%	
Acima/Esquerda	14	13,2%	58,5%
Abaixo/Direita	38	35,8%	
Abaixo/Centro	10	9,4%	
Abaixo/Esquerda	14	13,2%	

Tabela 3: Localização das notícias na página. Fonte: Autoria própria (2021)

Diante de uma comunicação escrita a nossa visão tende a se fixar primeiramente no lado superior à esquerda do papel. “A grafia ocidental da esquerda para a direita, no sentido horizontal, é um dos alicerces do percurso obrigatório dos olhos, influenciando decisivamente em nosso comportamento” (DINES, 1974, p. 96). A visão então se desloca, instintivamente, em diagonal do canto superior esquerdo ao lado inferior direito. Assim, essa é também uma forma de hierarquizar a informação mostrando ao leitor quais assuntos são mais prioritários. Quanto maior o peso dado ao assunto mais acima e à esquerda ele será posicionado.

Quando nós voltamos para nossos dados (Tabela 3) percebemos que a maior parte das notícias referentes ao atleta paralímpico estava posicionada abaixo da dobra do jornal

(58,5%) e mais especificamente à direita (35,8%). Apenas 13,2% das matérias foram posicionadas no ponto mais importante da página, acima da dobra e à esquerda.

Da mesma forma o valor-notícia é expresso em módulos por coluna, isto é, quanto maior a área que a matéria ocupa, maior a importância dada pelo jornal. Em nossa pesquisa (Tabela 4), 53,8% do material analisado era de tamanho pequeno, concluindo daí a importância dada à temática.

	Quantidade	Porcentagem
Grande	30	28,3%
Médio	19	17,9%
Pequeno	57	53,8%

Tabela 4: Tamanho das notícias. Fonte: Autoria própria (2021)

Resultado semelhante foi encontrado por Bertschy e Reinhardt (2012) ao delinearem o panorama representativo dos atletas paralímpicos nos jornais diários suíços. O que não acontece na cobertura do futebol, por exemplo, onde as matérias tendem a ocupar a página inteira, e muitas vezes figuram na capa dos periódicos, isso é verdade principalmente durante a Copa do Mundo. O fato de ainda não ser dado ao esporte paralímpico o mesmo valor midiático do esporte olímpico irrita alguns atletas.

(...) tem uma notinha de rodapé as vezes, um quadradinho, ahn, sei lá,..., 15 por 15 centímetros, um cara que ganhou mundial, que é uma coisa extraordinária, deveria, para mim, ter uma página inteira para ele, ahn... contando, de repente, a história do cara, ahn... criando um novo ícone, uma nova referência (André Brasil).

Oitenta e sete fotos foram publicadas em 78 matérias, isso significa que algumas notícias foram publicadas com mais de uma fotografia – mais especificamente, 71 notícias publicaram apenas uma foto, seis notícias apresentaram duas imagens, e uma matéria foi

publicada com quatro fotografias – e as restantes 28 notícias (do total de 106 analisadas) não apresentaram imagens, o que revela uma distribuição um tanto desigual entre o material.

Meio	Número de fotos	Número de matérias com fotos
1. Folha de S. Paulo	12	12
2. O Globo	25	20
3. Zero Hora	17	17
4. Estado de Minas	33	29
Total	86	77

Tabela 5: Número de Fotos. Fonte: Autoria própria (2021)

Fonte	Quantidade	Porcentagem
1. Jornalista independente	1	0,9%
2. Jornalista convidado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro	43	40,6%
3. Agência(s) de Notícias	2	1,9%
4. Sem fonte identificável	60	56,6%

Tabela 6: Fonte da notícia. Fonte: Autoria própria (2021)

Em sua maioria, as matérias sobre os atletas paralímpicos não vinham assinadas (56,6%) e quando a assinatura se fazia presente havia a informação, em nota de rodapé, de que o jornalista viajava a convite do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) o que aconteceu em cerca de 40% do material analisado (Tabela 6).

Em 2004, objetivando que o movimento paralímpico tivesse ampla divulgação e maior valorização, o CPB contratou a produtora de vídeo Íntegra Produções para captar, editar e transmitir gratuitamente imagens dos jogos de Atenas, para as emissoras brasileiras interessadas. Além disso, oito emissoras abertas e fechadas foram convidadas pelo Comitê para cobrirem a competição (Rede TV, Record, TVE, TV Nacional, Sport TV, Rede Gazeta, NSB e Rede Bandeirantes); outros dez veículos também foram convidados, Rádio Eldorado,

Rádio CBN, Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, Lance!, Estado de Minas, Diário de Pernambuco, Tribuna do Norte, Jornal de Brasília, O Dia, O Globo e o portal UOL. Em Pequim, 2008, o CPB levou nove jornalistas convidados das emissoras Band, RedeTV, Record, TV Brasil, SBT, CBN, e do jornal O Globo. Em 2012, quatorze veículos de comunicação foram convidados. Se por um lado essa parece ser uma boa estratégia para ampliar a divulgação dos Jogos Paralímpicos, por outro pode criar um jornalismo preguiçoso que recebe informações “na mão” e que não parte para o garimpo de histórias novas, para a investigação de fatos, a contraposição de opiniões resultando em *notícias* rasas e fórmulas prontas. Lembramos também que o convite do CPB inclui passagem, hospedagem, traslado hotel-aeroporto e diária de viagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, as matérias analisadas foram publicadas no Caderno de Esportes, à direita, abaixo da dobra, com tamanho considerado pequeno, geralmente vinham acompanhadas por foto e sem assinatura ou identificação de autoria. No jornalismo impresso os assuntos com maior valor-notícia devem estar em destaque, o que significa *colocá-los* no alto da página, ocupando boa parte do espaço, o que nos leva a concluir que o valor-notícia das matérias sobre o atleta paralímpico é menor dentro da editoria de esportes.

O esporte é fundamentalmente um produto, e assim o valor dado pela mídia a qualquer evento é representativo dessa percepção. Isso não significa que há uma equação padrão que irá calcular o “valor” da cobertura midiática esportiva. A viabilidade comercial do esporte em relação ao atrativo midiático é baseada em uma combinação de fatores sociais, econômicos e até políticos. Recentemente os Jogos Paralímpicos cresceram, sendo mais comercializado e atraindo mais atenção dos meios de comunicação. O que faz deste um momento ideal para a análise crítica do evento. Entretanto, os estudos que perscrutam a

relação entre mídia e esporte paralímpico são escassos, principalmente no Brasil. Assim esperamos que o nosso estudo possa ter apresentado diferentes perspectivas sobre a temática, ao não só analisar as notícias referentes aos atletas paralímpicos publicadas nos jornais impressos O Globo, Folha de S. Paulo, Zero Hora e Estado de Minas, durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos de 2012, mas também ao dar voz aos atletas sobre essa cobertura.

REFERÊNCIAS

BARNHURST, Kevin; NERONE, John. **The form of the news**. New York: The Guilford Press, 2001.

BERGER, Ronald. Disability and the Dedicated Wheelchair Athlete Beyond the “Supercrip” Critique. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 37, n. 6, p. 647-678, 2008.

BERTSCHY, Sue.; REINHARDT, Jan. Disability Sport in the Swiss Media. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). **Heroes or Zeroes?** The media’s perceptions of Paralympic sport. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 65-76.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. (Coleção educação física)

BRITTAIN, Ian. Perceptions of Disability and their Impact upon Involvement in Sport for People with Disabilities at all Levels. **Journal of Sports & Social Issues**, v. 28, n. 4, 2004. p. 429-452.

COAKLEY, Jay. **Sports in Society: Issues and controversies**. New York: McGraw-Hill, 2007.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal**. Rio de Janeiro, 1974.

ELLIS, Katie. Beyond the Aww Factor: Human interest profiles of Paralympians and the media navigation of physical difference and social stigma. **Asia Pacific Media Educator**, 19, p. 23-36, 2009.

FIGUEIREDO, Tatiane. **Os Atletas Paraolímpicos na Imprensa**: Análise comparativa da cobertura noticiosa da mídia no Brasil e em Portugal de 1996-2008. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras e Engenharia, Universidade do Porto, Porto. 2010.

GOGGIN, Gerard; NEWELL, Christopher. **Disability in Australia**: Exposing a Social Apartheid. Sydney: University of New South Wales Press, 2005.

LEBERSONG, Julia; DINOLD, Maria. The Austrian Press: Media coverage during the 2008 Beijing Paralympic Games. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). **Heroes or Zeroes?** The media's perceptions of Paralympic sport. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 77-84.

MARQUES, Renato; GUTIERREZ, Gustavo; ALMEIDA, Marco; NUNOMURA, Myrian; MENEZES, Rafael. A Abordagem Midiática sobre o Esporte Paralímpico: O ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, v. 20, n. 3, jul/set 2014. p. 989-1015.

MARQUES, Renato; MARIVOET, Salomé.; ALMEIDA, Marco; GUTIERREZ, Gustavo; MENEZES, Rafael; NUNOMURA, Myrian. A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspectivas de atletas portugueses. **Motricidade**, v. 11, n. 3, 2015. p. 123-147.

PAPPOUS, Athanasios; MARCELLINI, Anne; LÉSÉLEUC, Eric. From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**, v. 14, n. 03, p. 345-354, 2011.

SCHANTZ, Otto; GILBERT, Keith. An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport Journal**, 18, p. 69-94, 2001.

SHELL, Lea; DUNCAN, Margaret. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 16, 1999. p. 27-47.

SOUSA, João. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos/Letras Contemporâneas, 2002.

THOMAS, Nigel; SMITH, Andrew. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of British Media Coverage of the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 20, p. 166-181, 2000.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. O esporte paralímpico nos jornais impressos brasileiros: a cobertura dos Jogos de 2012. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 15, pp. 289-307, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2021v15n.59895>.